

Ressignificação dos termos com conotação negativa “bicha” e “viado” como forma de afirmação identitária para homens gays ¹

Yuri Demartini ²

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-São Paulo)

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

RESUMO

O objetivo desse artigo é refletir sobre a resignificação dos termos “viado” e “bicha”, que socialmente possuem conotação negativa, como forma de afirmação da identidade, examinando as estratégias de discurso utilizada pela comunidade com relação a aos mesmos termos. Para tanto trago discursos relacionados a resignificação para compreender essa transformação. O referencial teórico utilizado tem como base Judith Butler, Teun Van Dijk, Michel Foucault, Mayra Rodrigues Gomes e Erving Goffman. Para tal estudo a linha metodológica se debruça na Análise Crítica do Discurso, analisando dois discursos do Documentário “Bicha” dirigido por Marlon Parente, concluindo dessa maneira que a resignificação dos termos “viado” e “bicha” representa uma estratégia de resistência, empoderamento e pertencimento perante a comunidade LGBTQIA+.

PALAVRAS-CHAVE: Viado, Bicha, Resignificação, Linguagem.

INTRODUÇÃO

Há muita discussão em torno da origem do termo "viado", frequentemente empregado como insulto contra pessoas gays. Uma das hipóteses é que o termo tenha se originado como uma abreviação da palavra "desviado", referindo-se àquele que se afasta de um padrão estabelecido. Porém, a explicação mais aceita é que o vocábulo seja uma variação da palavra "veado", animal comumente associado a características de fragilidade e delicadeza.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Mestrado 3º Semestre do Curso Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, e-mail: yuridemartini22@gmail.com

Uma das hipóteses sobre a origem do termo "viado" envolve o filme "Bambi", lançado com grande sucesso pela Disney em 1942. Nessa obra, o veado é retratado em situações de fragilidade e vulnerabilidade, sempre exibindo uma perspectiva positiva e uma conexão delicada com as belezas da vida.

A partir dessa representação, que rompia com os padrões de masculinidade vigentes na época, a palavra "veado" adquiriu uma conotação pejorativa e violenta para se referir a homens gays. Essa associação se baseia na noção equivocada de que a homossexualidade masculina está intrinsecamente ligada a uma suposta "feminilidade tradicional".

A identidade homossexual, por exemplo, é um acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual, e estigmatizada como antinatural, anormal e abjeta em benefício da instabilidade das práticas de produção do natural (PRECIADO, 2014, p. 30).

Desse modo, o termo "viado" ganhou ampla difusão, servindo como ferramenta para reforçar a homofobia. Ao vincular a imagem do veado, animal delicado, à identidade gay, essa denominação reforça a ideia de que a masculinidade heteronormativa é a única forma legítima de expressão de gênero.

As diferentes interpretações sobre a proveniência desse termo revelam as complexas camadas de significado que carrega. Independentemente de sua origem exata, a ressignificação desse vocábulo pela comunidade LGBTQIA+ representa uma ação política de confrontação e subversão.

Ao se apropriarem de uma palavra utilizada historicamente para menosprezar e marginalizar suas identidades, esses indivíduos estão rompendo com os sentidos cristalizados pela cultura dominante. Essa prática discursiva vai ao encontro da proposta de Roland Barthes de desestabilizar a linguagem convencional, abrindo espaço para a construção de novos modos de subjetivação.

TERMO E LINGUAGEM

A linguagem possui um papel importante e fundamental na formação e expressão da identidade, tanto individual quanto coletiva. No decorrer da história, diversos grupos minoritários passaram a se apropriar de termos que socialmente possuem uma conotação negativa como uma estratégia de afirmação identitária.

Termos populares como “viado” e “bicha”, são utilizados para designar a homens homossexuais, frequentemente considerados pejorativos e historicamente usados como insulto, discriminação, diminuição contra homens gays. Carregam uma carga de preconceitos e estereótipos que refletem a homofobia enraizada na sociedade.

Toda submissão a esses códigos, bem como toda transgressão, constitui imediatamente objeto de comentários: existe uma norma, e ela é mesmo bastante pesada para realizar o jogo da exclusão social em face dos “excêntricos”, as pessoas que “não são/fazem como nós”. (CERTEAU, 2013, p.47).

A filósofa e teórica de gênero, Judith Butler (2017), disserta sobre a performatividade da linguagem e como determinados termos são usados para reforçar normas sociais e também marginalizar grupos considerados minoritários. A autora diz que a linguagem possui um papel central na construção da identidade e na manutenção das hierarquias sociais.

Ao definir e impor certos usos da linguagem como "legítimos", os grupos hegemônicos estabelecem padrões de expressão que excluem e marginalizam outras formas de enunciação. Essa dinâmica de poder se reflete, por exemplo, na estigmatização de termos como "viado", que carregam a marca de uma dominação heteronormativa sobre as identidades LGBTQIA+.

Para Foucault (1996), o poder não se manifesta apenas por meio de instituições formais, mas permeia todas as relações sociais, penetrando nas subjetividades dos indivíduos. Nesse sentido, a linguagem atua como um dispositivo fundamental na construção e perpetuação de determinadas estruturas de dominação. Em seu livro, *História da Sexualidade* (1976), ele examina como a linguagem e o discurso podem moldar as percepções e os comportamentos em relação à sexualidade. Para ele a linguagem é utilizada pela sociedade

como forma de estabelecer normas e reprimir determinadas formas de expressão sexual, como a homossexualidade.

[o] termo ‘indexical’ foi usado primeiramente por Pierce (1902) para designar um tipo específico de sinal, aquele que tem uma relação direta ou real com seu objeto. Desde então, o termo, em filosofia e em semântica, foi ganhando contornos diferentes e atualmente engloba as expressões que dependem do contexto para receber um valor semântico. A fim de restringir esse conceito devemos nos perguntar de qual contexto um termo indexical depende, já que contexto é um construto amplo cuja definição depende da teoria considerada, e também o que significa exatamente dependência contextual. [...] Grosso modo, o momento de proferimento das expressões indexicais inaugura o contexto relevante para a fixação de seu valor semântico e das proposições que os contêm. (TEIXEIRA, 2011, p.164-166)

Ao serem rotulados como "viados", os homens gays são reduzidos a uma condição de "desvio" em relação à norma heterossexual, sendo vistos como indivíduos desacreditados e merecedores de discriminação. Essa estigmatização fundamenta-se em estereótipos que associam a homossexualidade a fragilidade, afeminação e desvio moral, reforçando uma hierarquia entre a masculinidade heteronormativa e as expressões de gênero e sexualidade dissidentes. Goffman define o estigma como um atributo que desqualifica o indivíduo, transformando-o em alguém socialmente indesejável e diminuído. Nesse sentido, o uso do termo "viado" como insulto opera como um mecanismo de estigmatização, que marca a homossexualidade masculina como uma característica indesejável e repudiável.

Essas observações, ressaltam a importância da linguagem na construção e manutenção das normas sociais, incluindo a opressão e marginalização de grupos minoritários. Termos como “viado” e “bicha”, que historicamente foram considerados negativos para diminuir homens homossexuais que reforçam estereótipos, vem sendo ressignificados pelos próprios homens gays e se transformando em símbolos de orgulho, resistência e afirmação.

RESSIGNIFICAÇÃO DOS TERMOS

No caso da ressignificação dos termos "bicha" e "viado", observamos um movimento de subversão dessa ordem sensível dominante. Esses vocábulos, historicamente utilizados para desqualificar e estigmatizar as identidades LGBTQIA+, são reivindicados e reapropriados por essa comunidade. Ao fazer isso, de acordo com Rancière (2014), as bichas e os viados estão contestando a distribuição desigual do que é considerado "visível" e "dizível" na esfera pública.

Eles rompem com a lógica que os excluía e os tratava como "não-sujeitos", e passam a ocupar esses espaços de forma afirmativa. Essa ressignificação linguística é, portanto, um ato político de "fazer-ver" e "fazer-ouvir" aqueles que foram anteriormente excluídos da "partilha do sensível" dominante. É uma forma de redistribuir a visibilidade e a legitimidade dessas identidades, desafiando as hierarquias e as estruturas de poder que as marginalizavam.

Ao reclamar e reconfigurar os sentidos dos termos "bicha" e "viado", a comunidade LGBTQIA+ está, na perspectiva de Rancière, reconfigurando a própria distribuição do que é socialmente perceptível e aceitável. É um processo de emancipação política que reivindica o direito de ser visto, de ser ouvido e de ter sua existência reconhecida. Dessa forma, a ressignificação desses termos se articula com a luta por uma partilha mais igualitária do sensível, ampliando os limites do que pode ser dito, visto e experienciado no espaço público.

“O conceito de ressignificação discursiva se interessa em pensar as relações de poder a partir exclusivamente da perspectiva das coletividades minorizadas, refletindo sobre a capacidade delas de também reivindicar a linguagem como poderoso recurso de defesa.”(LOURENÇO,2021,p.14).

A ressignificação dos termos "bicha" e "viado" pode ser vista como um ato de confrontação e subversão dessa ideologia linguística dominante. Ao reapropriarem-se desses vocábulos, historicamente utilizados para ofender e desvalorizar as identidades LGBTQIA+, a comunidade está rompendo com os significados pré-estabelecidos.

Barthes (1977), enfatiza que a linguagem não é neutra, mas sim um campo de disputas e relações de poder. Ao reescreverem o sentido desses termos, as bichas e os viados estão reclamando o direito de definir sua própria identidade, de terem agência sobre a construção

de seus significados. Essa ação discursiva vai ao encontro da proposta barthesiana de uma "escritura neutra", na qual os sujeitos se recusam a ocupar posições sociais e linguísticas previamente determinadas. Ao ressignificarem "bicha" e "viado", esses indivíduos estão produzindo novos modos de subjetivação, escapando dos enquadramentos normativos.

A ressignificação desses termos pejorativos pode ser entendida como uma prática dessa "desnaturalização" da linguagem, promovendo uma ampliação das possibilidades de expressão e reconhecimento.

Vale ressaltar que toda apropriação do termo não é uma estratégia que os preconceitos sociais, mesmo uma parte da comunidade argumentando que esses termos reforçam os estigmas, muitos homens gays têm o olhar da apropriação como forma de empoderamento e resistência, ou seja, uma forma de reivindicar sua identidade e combater preconceitos. A grande eficácia se dá na capacidade da utilização desses termos desafiar as normas sociais para promover mudanças nas percepções e atitudes em relação à diversidade sexual.

METODOLOGIA

A análise de discurso busca entender como a utilização da linguagem pode influenciar na construção de significados e relações de poder presentes na sociedade. Dessa maneira, utilizando toda contextualização do trabalho, vemos que a ressignificação de termos conotativamente negativos, como, "viado" e "bicha", reflete nas mudanças de representações sociais e na luta de igualdade e reconhecimento da comunidade LGBTQIAPN+.

A metodologia que foi adotada é a Análise do Discurso Crítica ou ACD, proposta por Teun Van Dijk (2008). Essa perspectiva teórico-metodológica se mostra adequada para investigar os processos de ressignificação dos termos "bicha" e "viado" no contexto da comunidade gay masculina, uma vez que permite desvelar as relações de poder, ideologias e estruturas sociais subjacentes ao uso da linguagem. Para a análise textual, será feito um exame detalhado dos aspectos semânticos presentes nos discursos, buscando identificar os recursos linguísticos mobilizados. E para a análise sociocognitiva, foi realizada uma investigação das relações entre os elementos discursivos e as estruturas sociais, ideológicas e de poder que circundam o uso dos termos "bicha" e "viado".

Para Van Dijk, o discurso é como uma prática social que reflete e (re)produz estruturas de dominação e desigualdade. Dessa maneira, deve se prestar atenção aos aspectos implícitos no texto, que são silenciados e naturalizados que permeiam os discursos (VAN DIJK, 2001).

Trago aqui dois discursos do Documentário “Bichas” dirigido por Marlon Parente, onde é tratada questões sobre a ressignificação dos termos “bicha” e “viado”, onde são analisados conforme Van Dijk:

“Para as pessoas, a bicha é aquela coisa caricata, que a gente tem que rir delas e esculhambar mesmo e achar que ela não é uma pessoa. Você não ri com ela, você ri dela. Ela não deve ser respeitada, não deve ser amada. Mas no âmbito do mundo LGBT a bicha é uma pessoa maravilhosa. Ela deve não só resistir, mas reexistir. Não só receber os ataques, mas se reinventar e se impor na sociedade. A gente, quando levar a pancada, tem que revidar de uma forma inteligente, coerente, que é a gente se impondo mesmo. Mas tem bichas com um contexto familiar e social que complica. Tem as gatas da igreja, da favela, e é bem complicado para certos tipos de bicha estar se impondo o tempo todo. Então cabe a nós, que temos esse privilégio de estarmos na rua, em festas e gravando documentários, falarmos com essas bichas, com a sociedade, para que parem com essa noção de que ser bicha é errado, porque ser bicha é maravilhoso”.

Textualmente, observa-se o uso recorrente do termo "bicha", que é apresentado de maneira ambivalente. Por um lado, há a descrição do estigma social que recai sobre as bichas, retratadas como "caricatas", objetos de riso e desrespeito. Por outro lado, no "mundo LGBT", elas são consideradas "pessoas maravilhosas" que devem "reexistir" e se impor na sociedade. Essa tensão revela uma disputa de sentidos em torno dessa identidade.

Enquanto no discurso hegemônico a "bicha" é desvalorizada e desumanizada, no contexto LGBTQIA+ ela é ressignificada como uma expressão positiva de gênero e sexualidade. Em uma análise sociocognitiva, percebe-se a construção de uma narrativa de resistência e empoderamento. O discurso convoca as bichas a não apenas a receber esses

ataques, mas também a se reinventarem e se imporem perante a sociedade, de forma coesa e esperta.

Essa postura ativa de reivindicação de espaço e reconhecimento é contrastada com a situação de vulnerabilidade de algumas bichas, como aquelas em contextos familiares e sociais desfavoráveis. Dessa forma, o texto revela uma consciência das disparidades e desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+, ao mesmo tempo em que propõe uma estratégia de fortalecimento identitário e articulação política. Ao valorizar a "bichice" e incentivar sua visibilidade pública, o discurso busca desconstruir os estigmas e consolidar a legitimidade dessa expressão de gênero e sexualidade.

“É importante mostrar que é bicha, é importante falar que é bicha, é importante escrever isso no seu Facebook, é importante pichar o muro dizendo que é viado mesmo, bicha, porque é isso que você é e quanto mais natural, mais pessoas forem bichas e disserem, menos estigma vai ter”.

Em uma análise textual, observa-se o uso recorrente dos termos "bicha" e "viado", que tradicionalmente carregam uma conotação pejorativa e estigmatizante em relação à identidade gay. No entanto, o discurso expressa uma posição de valorização e afirmação desses vocábulos, enfatizando a importância de assumi-los de forma natural e aberta. Nota-se também a utilização de diferentes modalidades de expressão, como "falar", "escrever" e "pichar o muro", sugerindo um chamado à visibilidade e a ocupação de diferentes espaços sociais por meio dessa prática linguística. Em uma análise sociocognitiva, pode-se inferir que essa frase reflete uma estratégia de resistência e subversão da heteronormatividade dominante. Ao incentivar a adoção dos termos "bicha" e "viado" de forma coletiva e pública, o discurso busca desconstruir o estigma associado a essas palavras e afirmar a legitimidade das identidades gays.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esse movimento de ressignificação linguística evidencia uma disputa simbólica em torno do poder de nomear e definir. Ao reivindicar esses termos historicamente pejorativos, homens gays buscam se apropriar de sua própria representação, invertendo a lógica de dominação e opressão.

Além disso, a ênfase na naturalidade e na multiplicidade de pessoas que se identificam como "bichas" ou "viados" também pode ser analisada à luz das contribuições de Foucault. A ideia de que quanto mais pessoas aderirem a essas identidades e as expressarem, menos estigma haverá, sugere uma estratégia de resistência e transformação social. Ao ampliar a presença dessas identidades e discursos na esfera pública, busca-se mudar as relações de poder e as formas de exclusão que operam na sociedade.

Essa ressignificação desses termos, possui o poder de reverter toda carga negativa atribuída aos mesmos, transformando-os em símbolos de orgulho, pertencimento e resistência. No contexto de homossexuais homens, termos como “viado” e “bicha”, tem passado por uma ressignificação pela própria comunidade e apropriados como forma de empoderamento e rejeição aos estereótipos sociais. Todo esse movimento de reapropriação linguística representa para a comunidade LGBTQIA+, uma estratégia de resistência e empoderamento contra a heteronormatividade dominante (ARAGUSUKU, 2018).

A adoção dos termos “bicha” e “viado” por homens gays, funciona assim, como uma ferramenta de construção da autoestima e da aceitação de suas identidades. Ao reverter o significado negativo original para uma conotação positiva de pertencimento, os indivíduos encontram formas de subverter a opressão e afirmar sua existência (OLIVEIRA, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ressignificação dos termos pejorativos "bicha" e "viado" pela comunidade LGBTQIA+ representa uma importante estratégia de resistência e afirmação identitária. Ao se apropriar desses vocábulos historicamente usados para estigmatizar e marginalizar a

homossexualidade, os sujeitos dissidentes de gênero e sexualidade buscam subverter a lógica de dominação que os sustenta.

Essa ação política revela o caráter fundamentalmente dialético da linguagem, que pode tanto servir como instrumento de poder e opressão, quanto se tornar um meio de liberação e empoderamento. Ao ressignificar termos como "bicha" e "viado", a comunidade LGBTQIA+ ressalta a dimensão performativa da linguagem, usando-a para construir novos significados que expressam suas próprias formas de existência. Nesse sentido, a luta em torno da linguagem se insere em um contexto mais amplo de disputa pelos sentidos socialmente legitimados. Tal disputa envolve a contestação de hierarquias, estereótipos e estigmas que, historicamente, relegaram as identidades dissidentes a posições de subordinação e invisibilidade.

Desse modo, a ressignificação desses termos pejorativos representa um ato de empoderamento e um exercício de protagonismo, no qual os sujeitos LGBTQIA+ reivindicam o direito de definir suas próprias formas de expressão e pertencimento. Essa ação, por sua vez, contribui para a desconstrução de padrões heteronormativos e abre caminho para a constituição de uma sociedade mais plural e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ARAGUSUKU, H. A. (2018). O discurso da “ideologia de gênero” na câmara dos deputados: Análise crítico-discursiva e psicopolítica (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

BARTHES, Roland. A Aula. Editora Cultrix. São Paulo. 1977.

BUTLER, J. Discurso de ódio: uma política do performativo. Editora Unesp. 2021

_____. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira. 2017.

_____. Corpos que importam: os limites discursivos do sexo. n-1 edições; Crocodilo Edições. 2019.

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1998.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano 2, morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 2013.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. As palavras e as coisas : uma arqueologia das ciências humanas / Michel Foucault ; tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo : Martins Fontes, 1999.

GOMES, Mayra R. Palavra de Ordem/Dispositivo Disciplinar. Galáxia. Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura. 2007. Edição n. 5. p. 91-108.

LGBT+ Spacey. Viado: Homofobia ou Gíria?. Disponível em: < Viado: Homofobia ou Gíria? | LGBTQ+Spacey> Data de Acesso 31 de Maio de 2024.

MEDEIROS, Ettore Stefani; PEDRA, Caio Benevides. A propagabilidade midiática de expressões trans(-)viadas:ressignificação de ofensa em potência. Disponível em: <A propagabilidade midiática de expressões trans(-)viadas ressignificação de ofensa em potência.pdf (ufmg.br)>. Data de Acesso: 31 de Maio de 2024.

OLIVEIRA, Quezia S. L. Oralidade e escrita na perspectiva dos multiletramentos. Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 107-119, jan./jun. 2020.

PAVEAU, M-A. Novas proposições sobre a linguística popular: metadiscursos militantes e crianças-linguistas. Tradução de Livia M. Falconi Pires e Roberto Baronas) In: BARONAS. R. L.; COX, M.I. P.(orgs). Linguística popular/folk linguistics: práticas, proposições e polêmicas homenagem a Amadeu Amaral. Ed. Pontes, Campinas, 2021.

PERNAMBUCO, Diário de. Documentário propõe o orgulho homossexual com exemplos de superação. Disponível em: <Documentário propõe o orgulho homossexual com exemplos de superação | Local: Diario de Pernambuco>. Data de Acesso 02 de Julho de 2024.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto Contrassexual. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. Tradução: Mônica Costa Netto. 2 ed. São Paulo: EXO experimental org. Editora 34, 2014a.

TAYLOR, Paul C. Reviewed Work: Black Is Beautiful: A Philosophy of Black Aesthetics. Critical Philosophy of Race. Vol. 6, No. 2, p. 287-292. 2018. Published By: Penn State University Press.

TEIXEIRA, L. R. Indexicalidade no português brasileiro: uma análise Semântica baseada em mudanças de contexto. In: Dutra, L. H.de A.; Luz, A. M. (orgs.)Linguagem, Ontologia e Ação. Florianópolis: NEL/UFSC, v. 10, Coleção Rumos da Epistemologia, 2011,p. 164–179.

VAN DIJK, T. A. Multidisciplinary CDA: a plea for diversity. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). Methods of critical discourse analysis. London: Sage, 2001. p. 95-120.

VAN DIJK, T. A. Discourse and power. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.